

Primeira Guerra Mundial e o papel nela
desempenhado pela República Portuguesa,

Prisioneiros de Guerra: Resiliência humana



Carlos Alves Lopes
CH-ULisboa
CINAV

16 de Março de 2026, Universidade do Porto



**GIHM – Grupo de Investigação de História Militar
do Centro de História da Universidade de Lisboa**

Desde França até à Alemanha

- Os primeiros meses em França
- Treinos, combates e prisioneiros

9, 10 e 11 de Abril de 1918

- Os dias 9, 10 e 11 de Abril de 1918
- A transformação de prioridades

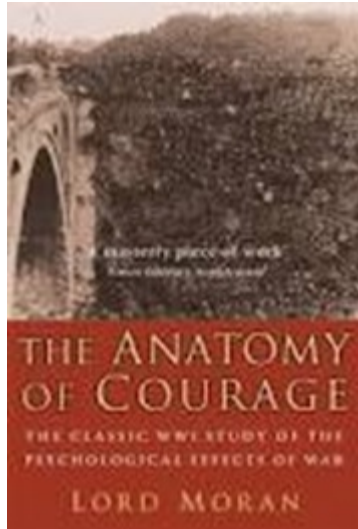
Na Alemanha

- Prisioneiros e as armas diplomáticas
- Prisioneiros fonte de Informação e propaganda
- Prisioneiros fonte de estudo antropológico
- Prisioneiros e as fugas



Desde França até à Alemanha

Os primeiros meses em França 1917 (1/7)



O Treino

A questão do treino no que se refere à força de vontade (coragem/moral) e disciplina (medo), ou sejam os factores psicológicos do treino, foram apresentados num estudo publicado em 1945, no livro “The Anatomy of Courage”, de Charles McMoran Wilson, 1st Baron Moran, (Lord Moran).

Sobre a questão do treino militar numa guerra de trincheiras concluiu que:

- 1 - O **indisciplina** (medo) enquanto demonstração de falta de força de vontade (coragem/moral) era uma consequência do esforço e do tempo gasto na linha de combate;
- 2 - Que esse esforço gasto nas trincheiras necessitava de ser compensado por um **descanso estruturado** que incluísse fases de **treino** militar e o tempo ocupado com **patrulhas** ofensivas (raids) de pequena escala e regulares;
- 3 - Que a **força de vontade** era destruída pelo cansaço e pela monotonia, e recuperada pelo descanso e pelo treino.

Os primeiros meses em França 1917 (2/7)

Os primeiros combates

Para além da ocupação dos sectores que lhe tinha sido estipulado, o CEP manteve durante o ano de 1917 uma estratégia defensiva em consonância com as ordens do 1º Exército Britânico. No entanto eram efectuadas patrulhas de exploração e de observação na terra de ninguém e bombardeamentos regulares sobre as trincheiras alemãs. Em contrapartida as forças alemãs iam muito mais além da execução de patrulhas e bombardeamentos, executando regularmente raids terrestres e aéreos sobre as tropas portuguesas.

Data	Local	Combate	Unidades Intervenientes
01/06/1917	SS-I de Ferme-du-Bois	Patrulha Portuguesa	BI 34 (Santarém)
04/06/1917	SS-II de Neuve-Chapelle	Raid Alemão	BI 35 (Coimbra)
14/08/1917	SS-I de Fauquissart	Raid Alemão	BI 15 (Tomar), Alferes Hernâni Cidade distinguiu-se em combate.
19/08/1917	Saint-Venant (Centro Industrial)	Ataque Aéreo Alemão	BI 34 (Santarém) e o QGC da 1ª Brigada da 1ª Divisão
24/08/1917	SS-II de Boutillerie (Sector BEF)	Raid Alemão	BI 29 (Braga), Em tirocínio no sector britânico (ataque com gás)
10/09/1917	SS-II de Ferme-du-Bois	Raid Português	BI 28 (Figueira da Foz), Alferes José Nobre da Veiga distinguiu-se em combate.
14/09/1917	SS-II de Neuve-Chapelle, O raid chegou até à 2ª linha em Huit Maisons	Raid Alemão	BI 7 (Leiria), Alferes Gomes Teixeira distinguiu-se em combate.

Os primeiros meses em França 1917 (3/7)

Os primeiros prisioneiros

Os primeiros sete prisioneiros de guerra portugueses registados em livros da Cruz Vermelha pelos alemães foram capturados a **sul de Lille a 4/06/1917**, mais em concreto no SS-II de Neuve-Chapelle. Estes prisioneiros foram posteriormente colocados no campo de Dülmen, de acordo com a relação de prisioneiros de guerra portugueses, 23 de Junho de 1917, existente nos arquivos da Cruz Vermelha Portuguesa.

Nome	Posto/Unidade	Captura Local/Data	Nascimento Data/Natural
AMADO, Manuel	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	22/05/1885 (Abrunheiro do Bairro/Coimbra)
AMARAL, António	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	07/10/1897 (Coimbra)
ALMEIDA, Adelino	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	08/05/1893 (Marmeleira do Botão/Souselas)
BERNARDO, César	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	08/09/1893 (Santa Comba Dão)
CAETANO, João	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	17/06/1893 (Pouca dos Mosqueiros/Santa Comba Dão)
COSTA, Manuel	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	11/06/1893 (Rios Frios/Vila de Matos/Coimbra)
LOURO, Joaquim	Soldado, BI 35, 1C	Sul de Lille (04/06/1917)	18/04/1883 (Santo António de Olivais/Coimbra)

AHCVP - "Prisioneiros de Guerra Portugueses, 1917-1918, 1º Vol., pág. 1

Os primeiros meses em França 1917 (4/7)

A 14 de Agosto de 1917, depois de um violento bombardeamento os alemães efectuaram um ataque com um efectivo a nível de batalhão (500 homens), formados em duas colunas, sobre o ponto de separação entre o subsector esquerdo de Neuve-Chapelle e direito de Fauquissart. A coluna alemã chegou a ocupar a Linha A e B, onde efectuou prisioneiros.

Localização	Unidades	Número de Prisioneiros
La Bassée	BI 35, 2C	5
La Bassée	BI 35, 3C	1
La Bassée	BI 12, 4C	1
West Front	BI 35, 2C	1
West Front	BI 12, 4C	1
Neuve-Chapelle	BI 35, 3C	1
Vieille-Chapelle	BI 6, 3C	1
Vieille-Chapelle	BI 35, 4C	3
Vieille-Chapelle	BI 35, 3C	36
Vieille-Chapelle	BI 35, 2C	11
	Total	61

AHCVP - "Prisioneiros de Guerra Portugueses, 1917-1918, 1º Vol., pág. 11-30.

Os primeiros meses em França 1917 (5/7)

Arquivos fotográficos estrangeiros

No raid alemão de 14 de Agosto de 1917 uma das colunas foi repelida pelo BI 15 (Tomar), mas a outra avançou em direcção a Vielle Chapelle onde se encontrava o BI 35 (Coimbra) e conseguiu penetrar e ocupar a Linha A e B.

No final da luta os alemães conseguiram fazer **61 prisioneiros portugueses e um britânico**. Nos registos da Cruz Vermelha Portuguesa encontram-se identificados 61 militares: um oficial, dois sargentos, um cabo e 57 praças.

Foi neste combate que o **Alferes Hernâni Cidade** saltou do parapeito da "Linha B" com mais três soldados e lançou-se sobre uma das escoltas que levavam prisioneiros portugueses em direcção das linhas alemãs. Esses prisioneiros portugueses reagiram, lutaram e venceram. O grupo regressou com os prisioneiros portugueses libertados às linhas portuguesas.



Alferes Hernâni Cidade

Os primeiros meses em França 1917 (6/7)



Na fotografia os prisioneiros portugueses ainda se encontram nas camionetas de transporte, assim como alemães do RI 431 que efectuaram o raid naquela madrugada.

A foto foi publicada no livro:

Battle Beneath the Trenches, de Robert K. Johns. (1988)

Os primeiros meses em França 1917 (7/7)

O registo dos prisioneiros

Na lista dos 61 prisioneiros constam várias unidades e não só o BI35, sendo que no caso do soldado identificado como pertencente ao **BI6 (Porto)**, terá vindo do Depósito N.º 2 de Infantaria para reforço do BI35.

As diferentes localizações registadas pelos alemães estão directamente relacionadas com o local onde foram cadastrados os prisioneiros. Assim, os prisioneiros que foram enviados da cidadela de Lille para o campo de DÜLMEN, apresentam como registo do local de captura **Vieille-Chapelle**, o que corresponde à localização onde o BI 35 efectivamente combateu.

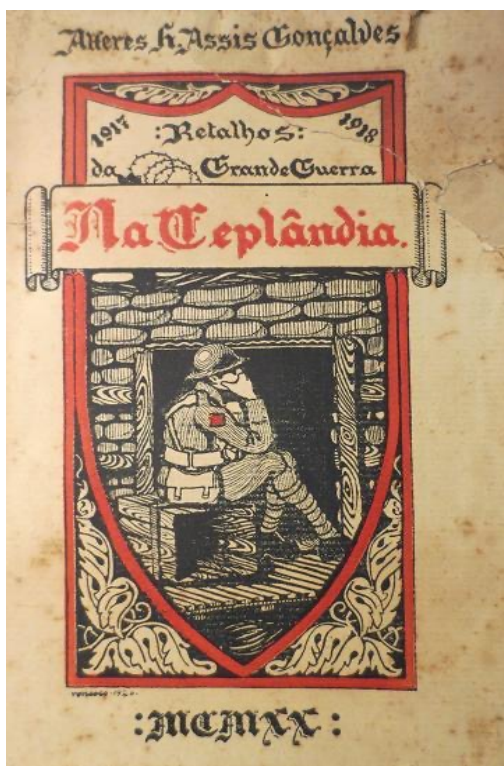
No caso do registo de captura do Tenente José da Conceição Nogueira Rosas, BI 35, 3C, foi indicado o nome do sector onde se encontrava sua companhia, **Neuve-Chapelle**, e não a localização da captura. Este registo foi efectuado no campo de KARLSRUHE.

Os prisioneiros que foram registados no campo de LANGENSALZA, tiveram a sua localização registada de forma muito genérica, **West Front**, o que poderá também indiciar uma incapacidade por parte das praças portuguesas de indicarem a sua localização de captura. No campo de LIMBURG os portugueses foram identificados como provenientes de **La Bassée**.

9, 10 e 11 de Abril de 1918

O DIA 9, 10 E 11 DE ABRIL 1918 (1/3)

«a Divisão tem que morrer na Linha B»



A ofensiva alemã da Primavera de 1918, entre de 21 Março e 17 Julho, trouxe mais uma situação excepcional de captura de prisioneiros na frente ocidental.

Alguns dias antes de La Lys, a 21 de Março, início da ofensiva alemão (*Operação Michael*) resultou num dos piores dias para o Exército Britânico, com **21.000 soldados capturados** em poucas horas e no total de 54.000 soldados capturados até ao fim da operação no 5 de Abril.

Com a segunda fase da ofensiva alemã (*Operação Georgette*), a 9 de Abril, o Corpo Expedicionário Português sofreu o seu dia mais difícil quando também em poucas horas teve perto de **7.000 homens** capturados pelos alemães.

A ordem do General Haking, em 7 de Abril de 1918, foi cumprida. A 2ª Divisão ficou destruída (morreu) e os homens que nos batalhões de infantaria suportaram o choque da força alemã ficaram maioritariamente mortos, feridos ou prisioneiros. O Corpo Expedicionário Português ficou desarticulado como força de combate e reduzido a um pequeno número de batalhões operacionais.

O DIA 9, 10 E 11 DE ABRIL 1918 (2/3)



O Soldado Milhões

Devemos no entanto não esquecer todos os que lutaram, mas não se pode deixar de referir o herói português, Aníbal Augusto Milhais, (BI 15 Tomar, Soldado n.º 665, 4ª Comp.) que sozinho no seu posto em Huit Maisons, atacou com grande vigor o inimigo que avançava, manejando um conjunto de metralhadoras Lewis dispostas estrategicamente, permitindo que outros soldados portugueses e escoceses aí presentes conseguissem retirar ordenadamente, salvando estes de serem capturados pelos alemães, e que indiferente ao fogo de metralhadora e da artilharia inimiga só retirou quando os seus camaradas se encontravam a salvo.

Um dos balanços balanço oficiais de baixas portuguesas em **La Lys** refere: 30 oficiais e 584 sargentos e praças mortos, e 270 oficiais e 6.315 sargentos e praças feitos prisioneiros, incluindo muitos destes feridos.

O DIA 9, 10 E 11 DE ABRIL 1918 (3/3)



Bundesarchiv, Bild 183-S30508
Foto: o. Ang. 1 1918

Soldados portugueses capturados pelos alemães em Abril de 1918.

Relato de Captura

Carlos Olavo Correia de Azevedo (Alferes de Artilharia - 2ª Bateria, 7ª Regimento de Artilharia, 9 de Abril de 1918), in *Jornal d'um Prisioneiro de Guerra na Alemanha* (1918).

«São 11 da manhã [9 Abril 1918](...). Não há nada mais torturante, angustia maior do que esta incerteza (...). Uma ordenança que mandei ao 1º obus com uma ordem de fogo não voltou mais; dois homens que mandei a um paiol para trazerem umas granadas não voltaram mais! Tenho a certeza de que ficaram pelo caminho feridos ou mortos! (...) Os momentos que se seguiram foram de absoluto recolhimento. Tinha a certeza de que ia morrer.»

A TRANSFORMAÇÃO DAS PRIORIDADES (1/4)

Um soldado não pensava em ficar prisioneiro, pensava que podia ficar ferido, que poderia ser morto, ou mesmo ter a sorte de ficar indemne, mas a ideia de ficar prisioneiro geralmente não lhe ocorria.



Sobreviver a este momento depende de múltiplos factores que qualquer soldado era incapaz de prever, dado que nunca foi treinado para responder a tal evento.

Havia plena consciência que a **sobrevivência** no momento da rendição dependia em muito da boa vontade do captor e que não havia Convenção de Haia de 1907 que lhe valesse.

A TRANSFORMAÇÃO DAS PRIORIDADES (2/4)



Esta pressão psicológica era causada, em grande parte, pela propaganda que transmitia aos soldados relatos sobre atrocidades cometidas pelo inimigo.

No entanto, uma vez aceite a rendição a **probabilidade de sobrevivência** passava a ser elevada.

Ocasionalmente alguns soldados tentavam fugir logo após captura, normalmente não por razões de patriotismo ou para voltar a lutar, mas por instinto de sobrevivência, mas quando tomavam consciência que já não eram soldados e tinham passado a ser prisioneiros de guerra, surgia-lhes a desmoralização e a **depressão psicológica**.

A TRANSFORMAÇÃO DAS PRIORIDADES (3/4)



Bundesarchiv, Bild 146-2008-0314
Foto: e. Ang. I 1914 Winter

Relato de Captura

Carlos Olavo Correia de Azevedo (Alferes de Artilharia - 2ª Bateria, 7ª Regimento de Artilharia, 9 de Abril de 1918), *idem*.

«Pensei naqueles que longe chorariam a minha perda: a minha família, alguns amigos seguros, todos os que sofriam a minha ausência (...) Nunca me senti tão desgraçado pelo inesperado de uma situação cuja probabilidade afastei sempre do meu destino. (...) Confesso que me dominava um misto de humilhação e de tristeza, por me sentir vencido, sem meios de resistência...».

O prisioneiro de guerra ficava completamente por conta própria e isto reflectia-se nos seus pensamentos. Surgiam emoções que iam desde o sentimento de **desgraça**, ao **sentimento de abandono e de raiva**, ou simplesmente de **alívio** por saberem que tinham sobrevivido e que para eles a guerra tinha acabado.

A TRANSFORMAÇÃO DAS PRIORIDADES (4/4)



Relato de Captura

Francisco José de Barros (Capitão de Infantaria, 4º Regimento de Infantaria, 11ª Companhia, 9 de Abril de 1918), in *Portugueses na Grande Guerra* (1925)

*«...apontámos a espingarda com alguns escassos cartuchos que ainda possuíamos, mas era evidente a inutilidade de mais resistência. O desespero da impotência fazia chorar de raiva, Restava **a morte ou a prisão** (...)*

[Já prisioneiros], fomos conduzidos para a retaguarda através das sucessivas linhas inimigas que se sucediam, bendizendo a sorte dos mortos libertos que jaziam estendidos (...)

[Seguíamos] o nosso destino cheio de amargura, apenas a consola-lo o cicio brando de balas amigas que vinham de longe...»

Na Alemanha

Prisioneiros e as armas diplomáticas (1/5)



A violência e represálias

Existiu sempre uma luta a nível de propaganda com a intenção de desmoralizar o inimigo e manter internamente o **ódio pelo Inimigo**, o que gerou uma dinâmica de castigo e represália sobre os prisioneiros a partir de 1916.

Negociações diplomáticas em Junho de 1917 para colocar um fim no **sistema de represálias**.

Prisioneiros e as armas diplomáticas (2/5)



www.alamy.com - DRD022

A violência e a saída da Rússia da guerra

Tratado de Brest-Litovski, a 3 Março de 1918.

Mais de 200.000 russos integrados em companhias de trabalho alemãs foram libertados.

Isto implicou de imediato um aumento da pressão sobre os prisioneiros de outras nacionalidades para o cumprimento dos trabalhos e obras em curso.

Esta pressão traduziu-se em maus-tratos e maior violência sobre os prisioneiros.

Prisioneiros e as armas diplomáticas (3/5)

A fome como forma de violência



A imposição de um estado de fome constante também era uma forma de violência física durante a Grande Guerra.

Havia falta de comida disponível e a falta de regularidade na distribuição da mesma.

António Braz - Capitão de Infantaria, Batalhão de Infantaria 23, capturado a 9 de Abril de 1918, em La Lys, in *Como os prisioneiros portugueses foram tratados na Alemanha* (1935).

«...parti do meu peso médio, 86 kg, [de Abril] que tinha antes de ser preso (...) em 10 de Julho tinha **72 kg**, menos 14 kg que o peso médio (...) em 27 do mesmo mês já só pesava **68,4 Kg** (...) em 10 de Setembro tinha **71,5 kg** (...) esta melhoria de peso foi devido às encomendas destinadas aos oficiais romenos e que o comandante do campo nos mandou distribuir. (...) em 10 de Outubro **70,5kg** [tinham acabado os géneros das encomendas dos romenos] (...) em 10 de Novembro aumentei 500g [tinha recebido umas encomendas de casa] »

Prisioneiros e as armas diplomáticas (4/5)



Bloqueio Comercial Marítimo

Desde o início da Grande Guerra os britânicos desenvolveram uma estratégia de bloqueio comercial.

Progressivamente foi impedindo a Alemanha de importar bens e matéria-prima essenciais não só para a máquina de guerra como para a sobrevivência da população civil.

Prisioneiros e as armas diplomáticas (5/5)



Fome

bloqueio comercial teve consequências directas no abastecimento aos campos de prisioneiros.

Não havia comida para abastecer a população civil e por consequência não havia comida para abastecer os milhares de prisioneiros aliados.

Média de óbitos na população civil na Alemanha

1913 - 78.820 óbitos
1916 - 191.320 óbitos
1918 - (Novembro) 184.896 óbitos

Nos dois últimos meses de guerra morriam mais de 3.500 civis alemães de fome por dia.

Prisioneiros fonte de informação (1/2)



O serviço de Informações

A Repartição de Informação (RI) era o serviço de informações, que centralizou as acções de **espionagem** e **contra-espionagem** no sector português, iniciou a sua actividade autónoma em Novembro de 1917 e só veio a ser interrompida após a Batalha de La Lys, em Abril de 1918.

A actividade de contra-espionagem e recolha de informação junto de inimigos capturados, estava a cargo da 1ª Secção que acumulava o **serviço de censura**, cifra, imprensa, traduções, arquivos e geria as visitas aos sectores das linhas da frente de combate, em conjunto com a 3ª Secção que efectuava o tratamento operacional da informação recolhida.

Prisioneiros fonte de informação (2/2)



Os Interrogatórios

A questão dos interrogatórios a prisioneiros alemães pela RI foi sempre uma questão contenciosa entre o comando português e o comando britânico, que não reconhecia competências ao RI do CEP para os efectuar.

Houve uma continuidade na captura de prisioneiros alemães em 1918, pelo menos até Abril, como o relatório de 6 de Abril de 1918, do Capitão António Miranda o evidencia.

PT-AHM-D1/S35/CX1401/N431 – Relatório da Repartição de Informação do Quartel-General do CEP, do Capitão António Miranda.

Prisioneiros fonte de propaganda (1/3)

Os três primeiros prisioneiros



Na noite de 31 de Maio para a madrugada de 1 de Junho de 1917, foi efectuada uma patrulha de reconhecimento com elementos do BI 34, Mangualde, sobre a terra de ninguém até próximo da linha alemã, no sector Ferme du Bois, subsector I (Rum Corner).

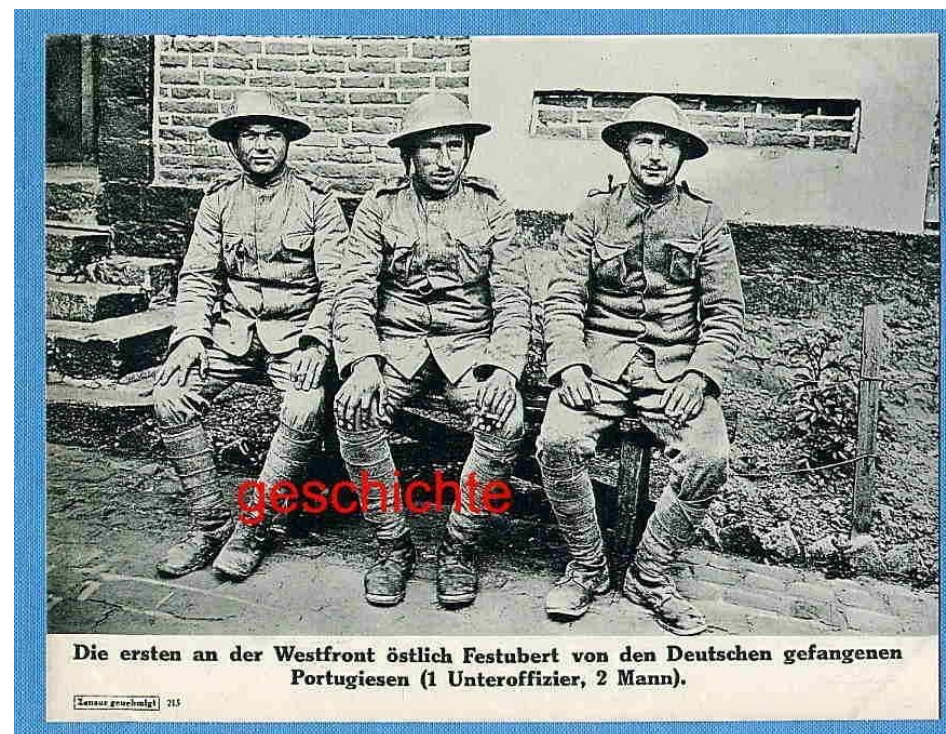
Durante a patrulha houve um contacto com o inimigo e foram capturados três homens dessa patrulha.

Arquivo Britânico

GIHM/CH-ULisboa

Encontro: Coisas da Guerra

Prisioneiros fonte de propaganda (2/3)



Arquivo Alemão



Prisioneiros fonte de propaganda (3/3)

Arquivo Histórico - Cruz Vermelha Portuguesa

Na pesquisa que foi efectuada sobre os arquivos da Cruz Vermelha Portuguesa, Lisboa, vêm referidos os seguintes nomes de prisioneiros com data de captura a 1 de Junho de 1917 pelos alemães:

- José Augusto, BI 34, 4ª Companhia, capturado a sul de Lille em 1917/06/01;
- Luís Maria, BI 34, 4ª Companhia, capturado a sul de Lille, em 1917/06/01;
- Manuel Nunes, BI 34, 4ª Companhia, capturado a sul de Lille, em 1917/06/01.



Arquivo Histórico Militar – Exército

Na pesquisa efectuada pela Doutora Fátima Mariano do IHC, no Arquivo Histórico Militar, em Lisboa, sobre as fichas de inquérito após o repatriamento, foi possível no conjunto identificar que estes homens foram capturados na zona de Neuve-Chapelle às 4h 30mn. Foram posteriormente levados para Lille e daí para o **campo de prisioneiros de Dulmen**.

No inquérito ainda efectuado em França a 16 de Janeiro de 1919, indicam que foram mal tratados, e através dos boletins individuais ficámos a saber que embarcaram para Portugal a 31 de Janeiro.

Prisioneiros fonte de estudo antropológico (1/2)

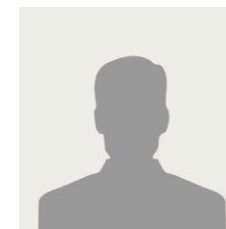
A voz de um português em Merseburg

Os cientistas alemães, etnólogos, linguistas e musicólogos, aproveitava a oportunidade de ter milhares de homens de outras nacionalidades à sua disposição para proceder a um estudo fonético. Registaram os modos de falar e de cantar de vários povos estrangeiros, alguns deles de países distantes e algo exóticos para os padrões da época. Registaram mais de 250 línguas e dialectos.

Hoje é possível ter acesso a gravações efectuadas pela comissão, encontrando-se um espólio de 1.650 discos, guardados no Berliner Lautarchiv, uma instituição ligada à Humboldt Universität, de Berlim.

A divulgação desta gravação é resultado do trabalho da RTP, em especial dos jornalistas Sofia Leite e António Louçã.

Nota: Existe outra gravação pertencente ao soldado Agostinho Martins - PK1469 (1, 2 e 3)



Lautarchiv - Berlim

João Neves - PK1465 (1, 2 e 3)

Letra:

As grades desta prisão,
Lá de fora metem medo. Que
fará quem está cá dentro,
A cumprir o seu degredo.
As cordas da minha guitarra,
São de ouro acastanhado, São
cabelos que eu roubei,
Das tranças da minha amada.

Prisioneiros fonte de estudo antropológico (2/2)



Soldado português no Campo de Prisioneiros de Merseburg 1918, junto a outros de outras nacionalidades (segundo a contar da direita).

O soldado de Infantaria, João Ferreira Neves, tinha 27 anos (1918) quando foi cativo no campo de prisioneiros de Merseburg.

Era natural do lugar de Cagido, Concelho de Santa Comba Dão, Distrito de Viseu e era alfabetizado.

Foi capturado a 9 de Abril de 1918, em La Lys foi internado em Merseburg, com cerca de outros 2.000 soldados portugueses capturados na mesma data.

Campo de Prisioneiros de Merseburg na Saxónia (1918)

Prisioneiros e as fugas (1/4)

A Grande Fuga - 18 de Setembro de 1918



Após a Batalha de La Lys os portugueses foram levados para Lille, onde se efectuou a triagem entre oficiais e praças.

Os oficiais portugueses acabaram por ser reunidos no campo de prisioneiros de Breesen em Mecklemburg e é neste local que se organizou e efectuou a fuga.

Prisioneiros e as fugas (2/4)



Preparar a fuga

Primeiro - Recuperar fisicamente

Segundo - Armazenar mantimentos e conseguir mapas e bússola.

Terceiro - Determinação das rotas de fuga.

O campo de Breesen, em Mecklembourg, encontrava-se a cerca de 300 km da fronteira alemã com a Holanda, cerca de 200 km da fronteira com a Dinamarca por terra, 700 km da fronteira com a Suíça e a restante fronteira alemã era toda um front intransponível.

Prisioneiros e as fugas (3/4)



A caminhada para a liberdade

Um dos grupos, o grupo do Capitão Cruz Viegas, optou por uma rota por terra até à fronteira com a Dinamarca. (200km)

O outro grupo, o do Capitão Braz de Oliveira, optou em chegar até ao Mar Báltico, que ficava cerca de 60 km do campo, e daí navegar até à costa litoral mais próxima da Dinamarca (40km).

Existia a mais valia do Capitão Braz de Oliveira de Artilharia, filho do Contra-Almirante Braz de Oliveira, que tinha bons conhecimentos de navegação e experiência em velejar, o que permitiu preparar uma rota de fuga com a travessia do Báltico.

Ambos os grupos tinham o objectivo de conseguir ir o auxílio do consulado português na Dinamarca para regressar a Portugal.

Prisioneiros e as fugas (4/4)

1º Grupo de Fugitivos Rota Terrestre



Capitão Cruz Viegas



Alferes Costa Cabral

2º Grupo de Fugitivos Rota Marítima



Capitão Braz de Oliveira



Tenente Óscar de
Carvalho Bastos



Alferes Raul
Calazans Duarte

CONCLUSÕES

Para além das questões de preparação física e tático-militar, tantas vezes referida como insuficiente durante o conflito da Grande Guerra, um estudo sobre os níveis emocionais dos expedicionários portugueses a França entre o momento de captura até ao final do cativeiro ainda está longe de ser completo.

A análise da questão de sobrevivência e das relações intergrupais em campos de internamento ainda representa um vasto campo para investigação.

OBRIGADO